

Porta dos Fundos: a prática jornalística no discurso humorístico*

Milanna Carvalho Ambrósio¹
Universidade Federal do Amazonas

Vitor Franco Gavirati²
Universidade Federal do Amazonas

Hellen Cristina Picanço Simas³
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O jornalista é percebido socialmente não apenas pelo seu trabalho, mas também através da forma como ele é representado em produtos audiovisuais feitos no âmbito do entretenimento (KRAETZIG, 2012). Este trabalho investiga o discurso de humoristas acerca da prática jornalística em esquetes do grupo *Porta dos Fundos* – equipe que produz vídeos de humor e publica na internet – relacionando-o com a rotina dos jornalistas. Para tanto, utilizamos como marco teórico a Análise de Discurso Francesa, a teoria das Representações Sociais e o arcabouço teórico sobre a prática jornalística. Até então, não há estudos sobre esta temática. Conforme analisamos no vídeo intitulado *Entrevista*, o jornalista aparece como um profissional que pode intervir em falas do entrevistado e deseja obter declarações polêmicas para transformar em manchetes nos jornais. No vídeo *Fofoca*, mostra-se a possibilidade do jornalista possuir uma preocupação com assuntos de interesse social e encontrar dificuldades, esbarrando na linha editorial do veículo e é obrigado a se submeter a cumprir ordens superiores. Como também foi possível perceber que o jornalismo atualmente está preocupado em noticiar matérias relacionadas à vida das celebridades.

Palavras-chave: Prática Jornalística; Análise de Discurso; Representações Sociais; Porta dos Fundos; Humor.

Abstract

The journalist is perceived socially not only for his work but also through the way it is represented in audiovisual products made in the entertainment (KRAETZIG, 2012). This work investigates the humorous speech about the journalistic practice in sketches of the Funds port group - team that produces videos of humor and publishes on the Internet - relating it to the routine of journalists.

* Este trabalho também está publicado nos anais da Abralin em Cena Tocantins – Araguaína, em 2014.

¹ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas. milannafla@gmail.com

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas. gavirati_vitor@hotmail.com

³ Doutorado e Mestrado, Universidade Federal da Paraíba UFPB. Desenvolve pesquisas vinculadas à área de Linguística Aplicada com ênfase nos seguintes temas: educação escolar indígena, política linguística, gêneros textuais, letramento, ensino aprendizagem da escrita e da leitura, produção textual e ensino de línguas. É professora e Coordenadora do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - ICSEZ/UFAM.. hellen_ufam@hotmail.com

Therefore, we use as a theoretical framework the French Discourse Analysis, the theory of social representations and the theoretical framework on the journalistic practice. So far, this is not studies on this topic. As analyzed in the video entitled interview, the journalist appears as a professional who can intervene in the interviewee's statements and want to get controversial statements to turn into headlines in the newspapers. Gossip in the video, shows the possibility of the journalist have a concern with matters of social interest and encountering difficulties, bumping the editorial line of the vehicle and are required to submit to superior orders. It was also possible to realize that journalism is currently concerned with reporting matters relating to the lives of celebrities.

Keywords: Journalism Practice. Discourse Analysis. Social Representations. Back door. Humor.

Introdução

Não só o trabalho dos jornalistas pode intervir no modo com que a sociedade visualiza este profissional. A forma como o jornalista é representado em produtos audiovisuais voltados ao entretenimento também influencia a percepção social deste (KRAETZIG, 2012). Como produções capazes de interferir no imaginário coletivo, podemos citar filmes, novelas, peças de teatro, seriados, e, de forma recente, esquetes publicadas na internet.

No tocante aos estudos da representação do jornalista e da prática jornalística em obras audiovisuais, encontramos, em maior escala, trabalhos que analisam as representações produzidas pelo cinema. Como um meio de entretenimento que atinge pessoas de diferentes idades, raças e classes sociais, a chamada “sétima arte”, consolida-se como maior fornecedora de imagens do profissional do jornalismo e de seu trabalho. Até o ano 2000, segundo Christa Berger (2002), haviam sido produzidos 785 filmes que abordam o jornalismo, sua prática e seus profissionais. O que pode fazer com que debates sobre as representações sociais formuladas sobre o jornalista, em âmbito nacional, acabem não sendo investigadas.

Stella Senra (1997, p. 13) destaca que o cinema possui um poder inusitado: “o de gerar e manter vivas todas as suas construções, até mesmo aquelas cuja correspondência com as figuras da prática cotidiana o tempo já se encarregou de anular”. Para a autora, isto ocorre por conta da capacidade que o cinema tem em criar, registrar, reproduzir e conservar figuras de existência autônoma.

Apesar da maior tradição e poder de difusão das produções cinematográficas, teatrais e televisivas, com a expansão da tecnologia, as esquetes veiculadas na internet ganham destaque social, haja vista que algumas destas chegam a ser visualizadas mais de 15 milhões de vezes. As esquetes são peças de curta duração, com caráter cômico, geralmente produzidas

no rádio, televisão ou teatro, retratando temas como cultura, política e sociedade⁴. A evolução das tecnologias para produção de vídeos e a popularização da internet facilitaram a veiculação e o acesso destes materiais através da rede mundial de computadores. Atualmente, qualquer pessoa tem a possibilidade de produzir filmagens e lançá-las gratuitamente na internet através de canais como *4shared*, *Youtube*, *Vine*, *Instagram*. Para tanto, basta criar uma conta em um dos portais e disponibilizar as produções no mesmo, por meio de um *upload* – método de se carregar informações para a internet.

Este trabalho versa sobre a representação do jornalista e da prática jornalística nas esquetes do grupo humorístico *Porta dos Fundos*. O *Porta dos Fundos* é formado por uma equipe de 13 humoristas que produz esquetes e as veicula na internet, pelo site *Youtube*. Desde março de 2012, o grupo publica três vídeos por semana e, em 2014, a conta dos comediantes atingiu a marca de 1 bilhão de visualizações.

Desenvolvendo peças embasadas em situações do cotidiano, o jornalismo também passou a ser pautado nas esquetes da equipe. Nos dois primeiros anos de existência do grupo, apenas dois vídeos abordaram a prática jornalística. Porém, em 2014, até a primeira quinzena do mês de julho – data do início deste trabalho –, mais seis novos vídeos que retratam o jornalismo e seus profissionais foram disponibilizados pelos humoristas.

O estudo, enfocou a análise de duas esquetes produzidas pelo *Porta dos Fundos*. Para compreendermos uma esquete como peça acerca da prática jornalística, descreveu-se vídeos disponíveis na conta do grupo no site *Youtube*, buscando-se analisar lexemas relacionados ao jornalismo e/ou a sua prática. Esta escolha é semelhante à adotada por Christa Berger (2002) para a delimitação de filmes que abordam a prática jornalística, constituindo o gênero fílmico titulado *newspapers movie*. Contudo, optamos pelo estudo de apenas duas esquetes – *Entrevista* e *Fofoca* – por se entender que estas possuem maior significância para a proposta do estudo. Tomamos como marco teórico para a investigação a Análise de Discurso de linha francesa (AD), assim como o arcabouço teórico referente ao jornalismo e à prática jornalística.

A partir de agora, apresentaremos breves reflexões sobre a AD, seguidas da análise de nosso objeto de estudo, onde são expostas as discussões realizadas acerca de cada esquete separadamente. Nas análises se pretende intermediar um diálogo entre os vídeos e a prática jornalística cotidiana, considerando-se que a interação entre diferentes discursos auxilia o estudo, constituindo-se como parte de nosso dispositivo analítico. Ao final, far-se-á uma

⁴ Disponível em: <<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=esquete>>> e <<<http://significados.com.br/esquete/>>>.

comparação entre as esquetes, a fim de se destacar as principais características do discurso humorístico do grupo *Porta dos Fundos*.

Análise do Discurso (AD) e Representações Sociais

No presente trabalho, investiga-se o discurso humorístico sobre a prática jornalística, buscando identificar a forma com que o jornalista e a prática jornalística são representados nas esquetes. Para tanto, propomo-nos a averiguar o modo como o discurso emitido pelos humoristas pretende fazer sentido aos seus espectadores, uma vez que a Análise de Discurso deve buscar a interpretação dos sentidos existentes em um discurso, segundo Orlandi (2001), ou seja, verificar tanto o dito quanto não dito contido nas entrelinhas de um texto.

De acordo com a autora, o discurso é o local onde se observa a relação entre língua e ideologia, uma vez que a língua não é trabalhada como um sistema abstrato; na AD, verifica-se o trabalho dela com o mundo, as suas formas de significar, “com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2001, p. 16).

Fairclough (2001 *apud* BASTOS; PORPINO, 2013) destaca que o discurso funciona como um construtor de identidades sociais. Deste modo, o discurso, enquanto um espaço em que se materializam os pensamentos do sujeito, torna-se um local onde se faz possível a observação de Representações Sociais (RS). As RS são compreendidas por Rafael Sêga (2000) como uma forma de interpretação e de pensamento sobre a realidade cotidiana. Serge Moscovici (1981, p. 181) – um dos principais autores que trabalham o conceito – a define como “um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais”.

Com os meios de comunicação modernos – entre eles, a internet – podemos ter contato com a concretização máxima das representações, em função da figuratividade e da simulação existente, por exemplo, nas imagens dos vídeos (SOARES, 2009). Neste sentido, apresenta-se o modo com que o jornalismo e os jornalistas estão sendo compreendidos socialmente e verifica-se como a sociedade pode ser influenciada a partir das esquetes do *Porta dos Fundos*. Tendo em vista que a significação de um discurso ocorre “quando um emissor tenta mostrar o mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, movido por uma intenção” (MANHÃES, 2011, p. 305).

Murilo Soares (2009) destaca que, em meios de comunicação modernos, as representações aparecem no contexto discursivo através de formas causais e simples insinuações, tais como, por exemplo, cenários apresentados como normais ou padrões.

Os discursos, assim, produzem determinadas composições de imagens pictóricas ou dramatúrgicas, audiovisuais, aparentemente colhidas no mundo empírico, sem intervenção ativa de ninguém, as quais são elevadas à categoria de ‘representantes’ de pessoas, situações, fatos. Por esse meio, as intervenções invisíveis do autor de um discurso são potencialmente capazes de influenciar de maneira sutil as percepções sobre pessoas, gêneros, grupos sociais e categorias (...) (SOARES, 2009, p. 20).

Para o autor, é desta forma que as representações sociais presentes nos discursos contribuem para o estabelecimento e a fixação de estereótipos. No que tange à representação do jornalista em produtos audiovisuais, autores como Stella Senra (1997), Isabel Travancas (2001), Christa Berger (2002), Rachel Rosa (2006) e Nathale Kraetzig (2012) elencam algumas caracterizações atribuídas a este profissional, tais como alcoólatra, arrojado, cínico, dedicado, herói, humano, mercenário, vilão. Em estudos mais recentes, constatamos ainda que o jornalista está sendo retratado como uma figura arrogante, ávida pela informação, esforçada, ingênua e manipulável (AMBRÓSIO; GAVIRATI, 2014).

Os resultados desta espécie de investigação de discurso podem ser obtidos através da observação do que Eduardo Manhães conceitua como atos perlocutórios, concebidos como “o domínio do ato de fala articulado à *performance*, ou seja, a atuação ou representação de um papel social” (2011, p. 313, grifo do autor). Vale ressaltar que uma análise de discurso é apenas uma versão de diversas possíveis reflexões acerca de um objeto de estudo, não pretendo revelar a verdade absoluta, sendo escrita para ser reescrita posteriormente (POWERS, 2001).

A prática jornalística no discurso humorístico. Entrevista: crítica à mídia sensacionalista

Publicada em 24 de Janeiro de 2013, a esquete intitulada *Entrevista* mostra a seguinte descrição no site *Youtube*: “‘Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu’. Quem era o gato? Há testemunhas? A fonte é segura? O que a Sociedade Protetora dos Animais pensa sobre isso? Quando a mídia sensação acionalista quer, é capaz de sobrar até para Dona Chica”.

A partir da maneira como os humoristas construíram o texto que apresenta o vídeo, podemos notar que existe uma crítica à mídia. Para isto, o grupo escolheu usar os termos

‘mídia sensação acionalista’, em alusão à expressão ‘mídia sensacionalista’, a qual se refere ao formato adotado por alguns jornais para atrair audiência. De acordo com Angrimani Sobrinho (1995, p. 10), sensacionalismo “é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento [...], utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso”. O autor aponta que o termo ‘sensacionalista’ é pejorativo e atribui-se a uma imagem negativa quem for relacionado a ele. Além disso, um noticiário que utiliza o sensacionalismo tem a credibilidade discutível (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995).

Ao entrarmos em contato com a expressão usada no texto, remetemo-nos à mídia que faz sensacionalismo. A ideia negativa que se tem do formato sensacionalista vem por meio do interdiscurso, isto é, a memória discursiva que temos sobre ele. Segundo Orlandi (2001, p. 31), o interdiscurso é definido como “aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente (...). O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Logo, ao sermos remetidos à expressão alusiva ao sensacionalismo, lembramo-nos do que já ouvimos falar sobre este formato e o julgamos como sendo negativo.

Observa-se, por meio da escolha da expressão ‘mídia sensação acionalista’, uma modificação e renovação nos sentidos das palavras. Em vez de usar ‘mídia sensacionalista’, a descrição do vídeo contém as palavras ‘mídia sensação acionalista’. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, ‘acionar’ significa “pôr em ação”⁵. No texto descritivo, podemos interpretar que ‘acionar’ é usada no sentido de ativar algo. O acréscimo do sufixo ‘lista’, dá-nos a impressão de algo que tem alta capacidade de acionar, ativar. E isto se refere à *sensação* que a mídia causa ou ativa. No conjunto da frase (“Quando a ‘mídia sensação acionalista’ quer, é capaz de sobrar até para Dona Chica), fica evidente a ideia do sentido construído no discurso: o pensamento de que a mídia é uma produtora de impressões e tem o poder de *acioná-las* quando quiser.

A ideia de crítica ao formato jornalístico citado anteriormente se desenvolve ao longo da esquete. Com duração de três minutos e 51 segundos, o vídeo apresenta a simulação de uma entrevista jornalística. Gregório Duvivier – que também escreveu o roteiro da esquete – interpreta o repórter. O entrevistado é o ator Joca (interpretado por Rafael Infante). Ao começar a entrevista, Joca questiona se o repórter irá usar gravador para registrar a conversa. Porém, este diz que não precisa:

⁵ Disponível em: <www.priberam.pt/dlpo/acionar>. Acesso em 25 de agosto de 2014, às 16h02.

Joca: - *Cê vai gravar [a entrevista] no gravador?*

Repórter: - *Não. Eu prefiro anotar, que eu já posso ir usando minhas palavras.*

Ao dizer que prefere usar as *suas* palavras, nota-se que o repórter já apresenta uma postura de quem deseja manipular as falas do entrevistado. Percebe-se que, ao dizer “Eu prefiro anotar, que eu já posso ir usando minhas palavras”, reforça-se o discurso de que o jornalista tem a intenção de manipular as afirmações do entrevistado. Portanto, é estabelecida a representação de que o jornalista é um profissional que tem o poder de mudar declarações e dar destaque apenas ao que for de interesse dele ou da empresa para qual trabalha. Ao usar os termos ‘minhas palavras’, entende-se que o repórter não pretende usar as falas de maneira fiel às declarações do entrevistado. Pode-se ainda criar uma ideia de que o jornalista usa somente as entrevistas para dar respaldo aos textos – isto é, uma sensação de credibilidade ao leitor –, mas escreve coisas de seu interesse, seja para manipular a opinião pública ou vender informações. Isto pode ser visualizado no trecho a seguir:

Repórter: - *Falando em política, qual é, então, a sua posição política? Vamos falar disso. Acho que isso é bom. Conta pra mim.*

Joca: - *Ah, eu acho difícil falar de posição política hoje, né?! Eu não consigo ver uma separação muito clara dos partidos...*

Mas o repórter o interrompe:

Repórter: - *Exatamente. Tá todo mundo cansado dessa roubalheira do PT. (Anotando, como se fosse o entrevistado quem tivesse falado). Cansado dessa roubalheira toda...*

Joca: (Pedindo para que o repórter não escreva como se fosse uma declaração dele). *Não, eu não faço... Tira aspa aqui, né!*

Repórter: - *Você tá me censurando?*

Joca: *Não, é que eu não falei isso. Eu não acho que a roubalheira seja só do PT, também, né?!*

Repórter: *Mas o fato de ela não ser exclusiva, então, torna legítima a roubalheira do PT? Qual sua ligação com a roubalheira do PT?*

Através desse trecho, fica evidente o discurso de que o jornalista quer criar sentidos ou inclui dizeres na fala do entrevistado. Quando o repórter tenta escrever “Cansado dessa roubalheira toda...” como se fosse uma declaração do entrevistado, reforça-se a ideia de que ele quer que sua opinião (ou da empresa jornalística) sobre política seja publicada

indiretamente através da fala do outro, cujo discurso, por ser de alguém que ocupa papel social de destaque, tem mais poder.

Ao longo da entrevista representada no vídeo, o interdiscurso, ou seja, a memória que se tem do sensacionalismo feito por alguns noticiários é acionada. Considerando que se trata de um grupo de humor, eles retratam esta prática de modo que gere um tom de comédia, mas não abandonando o objetivo de criticá-la. Neste sentido, fica explícito, ao longo do vídeo, a ideia de que os jornalistas buscam manipular os entrevistados e procuram declarações polêmicas para dar vez ao sensacionalismo. No início da entrevista, entende-se que o assunto a ser abordado é o trabalho do ator, mas o repórter insiste em desviar o foco do diálogo, fazendo perguntas sobre temas que geram debate na sociedade – como política, homossexualidade, drogas – a fim de obter declarações polêmicas. Ao tentar obter tais declarações, o repórter diz que não precisa mais falar do trabalho do ator porque todas as informações sobre isso estão no release enviado à redação onde trabalha.

Repórter: - *É porque tudo isso aí tá no release. Não tem uma novidade? Vamos batalhar essa manchete, vai! Coisas que dizem de homossexualidade...*

Por meio desta fala, mais uma vez, fica evidente que o repórter deseja conseguir uma declaração polêmica do ator para fazê-la virar manchete. Ao dizer que precisa “batalhar” a manchete, compreende-se que o jornalista quer fazer sensacionalismo. Deseja trabalhar os sentidos do discurso do entrevistado para criar polêmica a partir de seu dizer e, assim, conseguir manchete que chame atenção do público.

Associando o diálogo da entrevista com a descrição do vídeo no *Youtube*, concluímos que o discurso construídos pelos humoristas na esquete é de que a mídia tem o poder de fazer qualquer declaração virar polêmica – desde um simples trecho de música (‘Atirei o pau no gato, mas o gato não morreu’) até a afirmação de um artista sobre política. Portanto, fica evidente a crítica ao sensacionalismo praticado por alguns jornais, além disso, temos a representação do jornalista como um profissional manipulador.

Fofoca: onde está o interesse social nas matérias jornalísticas?

Diante do fato de a esquete abordar a prática jornalística, o título da mesma, *Fofoca*, pode sugerir ao espectador vários sentidos, principalmente porque culturalmente ele é carregado de significações. Um dos sentidos pode ser o que assunto abordado na peça humorística seja a legitimidade das informações veiculadas nos jornais. Haja vista a popularidade do emprego deste termo enquanto expressão que toma o sentido de boato ou

conversa com veracidade distorcida que tem – ou não – a intenção de difamar pessoas. No entanto, os critérios de noticiabilidade e a relevância social do conteúdo agendado pelo jornalismo são os aspectos tocantes ao ofício jornalístico discutidos neste produto audiovisual.

Com o exposto acima, não se pretende afirmar que o *Porta dos Fundos* busca atribuir uma nova significação para a palavra *fofoca*, mas mostrar os sentidos que surgem nas entrelinhas do gênero jornalístico. Na sinopse da enquete *é possível observar* as características do discurso humorístico e a crítica à relevância das informações propagadas pelos jornais: “*No mundo moderno, é essencial acompanhar as notícias e acontecimentos mais importantes. Você abre seu portal ou jornal favorito e, aflito, descobre que Gracyanne Barbosa postou um novo segredo de boa forma nas redes sociais. Aí você respira, pondera sobre como essa informação vai alterar o seu futuro e segue agoniado por saber que isso fará o dólar disparar. Ou não*”,

No excerto supracitado, o tom irônico é formulado a partir da contradição existente entre a manchete apresentada e a menção de possíveis vieses de mensuração da importância social desta. O fútil vira prioridade e ganha importância nos gêneros jornalísticos. Entende-se, a partir da sinopse, a crítica à prática jornalística de transformar acontecimentos corriqueiros e sem importância para a economia da sociedade, por exemplo, em notícia de destaque em websites jornalísticos.

Camila Alvarce (2009) nos diz que, para a compreensão de um discurso irônico, é fundamental a participação do receptor da mensagem. Sendo assim, a subjetividade do espectador da esquete se faz importante para a compreensão da ironia na descrição destacada. Mais do que isso, para Alvarce, faz-se necessária a contextualização do discurso para a formulação completa do sentido irônico do discurso. O contexto da referida sinopse é apresentado nas primeiras frases da mesma: a produção jornalística atual. Mas, para além da compreensão do teor irônico do enunciado, instaura-se na percepção do observador da esquete a crítica em torno da noticiabilidade. Fica explícito o posicionamento do grupo *Porta dos Fundos* marcado pelo descontentamento da produção de notícias tocantes à vida de celebridades. Isto nos leva a refletir acerca da produção jornalística atual, fomentando questionamentos como: por que matérias do gênero são produzidas? Por que notícias de maior significância social são preteridas em detrimento de produções sobre a vivência de personalidades midiáticas?

Luiz Amaral (2008) pondera que sabemos identificar uma notícia quando a observamos, porém, não temos condições para defini-las. Mário Erbolato (2008) destaca que

os teóricos do jornalismo apenas conseguem descrever como a notícia deve ser. O autor cita Stanley Johnson e Julian Harris para conceituar notícia. Entre os autores, o consenso é de que a notícia é o relato de algo interessante aos leitores do jornal. Amaral (2008), no entanto, tenta conceituar notícia e a define como um conjunto de acontecimentos carregados de importância para os leitores. Sendo a matéria-prima jornalística algo que deve conter relevância para a audiência, os humoristas questionam qual a importância social de matérias sobre a vida de celebridades.

Com esta postura, percebemos a intervenção ideológica no discurso humorístico. Segundo Orlandi (2001), o trabalho da ideologia coloca “o homem na sua relação imaginária com suas condições materiais de existência” (p. 46). A ideologia é a condição para formação dos sentidos. De tal forma, constitui-se o sujeito. Assim, a subjetividade do grupo acerca da produção jornalística se revela com a ideologia da existência do jornalismo funcionando como órgão social, com uma função de auxiliar a sociedade com as informações necessárias para a existência. Orlandi (2001) destaca que o sentido de um discurso é uma interação entre o sujeito e a história. O pensamento sobre a prática jornalística apresentado pelo *Porta dos Fundos* é fruto do contato entre sociedade e jornalistas desenvolvido ao longo da história. Relação permeada por produções jornalísticas pautadas por assuntos de interesse coletivo.

O pensamento que se reverbera através da presente análise ganha força quando se analisa outros trechos da enquete em estudo esquete. No decorrer da peça, uma reunião entre a repórter Bia (Clarice Falcão) e seu editor-chefe (Antonio Tabet) acontece. A reunião ocorre porque Bia escreveu uma matéria sobre a CPI da Petrobras. Porém, o trabalho da jornalista desagradou seu chefe. O motivo: a matéria escrita por Bia não apresenta declarações ou informações sobre celebridades. A repórter argumenta que a apuração das informações presentes no texto que produziu foi bem conduzida, afirma possuir testemunhas que confirmem as informações apresentadas em sua matéria, mas nada muda o posicionamento de seu superior, como mostra trecho do referido diálogo, apresentado abaixo.

Chefe: *Testemunhas? Deixa eu te fazer uma pergunta: alguma das suas testemunhas é um ex-BBB, por acaso?*

Bia: *Não.*

Chefe: *Então caguei (sic) pra essa porra (sic) dessa CPI, Bia! Quero que essa CPI se foda (sic)! Cadê o Caetano Veloso atravessando a rua? Tinha Grazi Massafera, na Dirce Ferreira, na sua CPI? Cadê a Cléo Pires tropeçando na Ataúfo de Paiva?*

Bia: *Eu achei que com um furo desse...*

Chefe: *Furo, Bia!? Furo pra mim é um tuite (tweet) do Fiuk dizendo que acordou.*

Sem desviar das críticas interpretadas anteriormente, a esquete direciona sua criticidade ao que os teóricos do jornalismo chamam de critérios de noticiabilidade. Eles são espécies de recomendações usadas por jornalistas para determinar a aptidão que um fato possui para se tornar notícia. Segundo Wolf (1987), o surgimento dos estudos acerca da noticiabilidade pode ser relacionado às pesquisas de Altheide (1976) que trabalhavam com o termo perspectiva da notícia. Um conceito que buscava responder quais acontecimentos diários podem ser considerados importantes.

O fato é que os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, têm critérios próprios, que consideram óbvios quase instintivos. (...) Mauro Wolf procura sistematizar esses critérios, mostrando que não são tão óbvios e instintivos assim. Wolf chama de noticiabilidade a capacidade que os fatos tem de virar ou não notícia. Quanto maior o grau de noticiabilidade, maior essa capacidade (PENA, 2012, p. 71).

Nesta perspectiva, entramos em contato com a ideologia que perpassa o discurso presente na lógica jornalística. Embora seja uma peça ficcional, *Fofoca* intermedeia um contato de seus espectadores com o pensamento real dos jornais. Este discurso representado na figura do chefe é fruto do atual modelo de produção jornalística, que para análise de discurso pode ser compreendido como condição de produção do discurso. Orlandi (2001) argumenta que as condições de produção compreendem o sujeito, a situação (contexto) e a memória. A ideologia do chefe acerca de sua postura enquanto seletor das pautas a serem publicadas no jornal em que trabalha mostra a relação dele com a produção jornalística. Rotina que, como ressaltamos, embora seja representada na ficção, é carregada de verossimilhança.

Erbolato (2008) pode nos explicar a postura do chefe representado na esquete diante dos critérios de noticiabilidade. O autor enquadra a tendência dos jornais em retratar fatos sobre celebridades com o valor-notícia proeminência. Segundo Erbolato (2008), neste critério de seleção de pautas, ganham destaque matérias que abordam artistas, milionários e pessoas célebres. É a partir deste critério de noticiabilidade do qual partilham inúmeros jornais espalhados pelo mundo, que surge o jornalismo de celebridades – área do jornalismo especializada em informar e acompanhar assuntos relacionados a pessoas célebres.

É com esta significação que o termo “fofoca” é empregado para intitular a esquete. Buscando destacar o sentido da expressão enquanto palavra muito empregada na relação entre os jornais e os ditos famosos, no que tange a divulgação de informações pelos jornalistas.

Complementando a significância de “fofoca”, como a procura de segredos e histórias acerca de outrem.⁶

Diante do desfecho da peça, em que Bia é reprimida a produzir matérias similares a que defende, a esquete ainda permite que se observe Bia enquanto uma jornalista que se preocupa com o interesse social – haja vista a matéria a qual escreveu e defende na esquete –, mas que sofre porque na hierarquia da empresa jornalística está submissa as ordens do discurso do editor-chefe., logo em seus textos jornalísticos terão que versar sobre as formações ideológicas sustentadas pela empresa que trabalha.

Considerações finais

Por meio do modo com que o jornalista é apresentado nas esquetes do grupo de humor Porta dos Fundos, pode-se refletir sobre a representação social do profissional e da prática jornalística. É importante estudar este fenômeno, pois, desta forma, podemos investigar a percepção do jornalismo e de seus profissionais perante a sociedade. Vale dizer que, por serem produções brasileiras, as esquetes nos permitem observar as preposições sociais tocantes ao jornalismo formuladas em âmbito nacional, aproximando-se de nosso contexto, diferentemente do estudo das produções cinematográficas que abordam o jornalismo que são predominantemente produzidas por estadunidenses.

Nossa intenção não foi investigar as esquetes de modo a atingir totalmente nosso objeto de estudo, mas iniciar as investigações da temática. Tendo em vista o espaço disponível para a confecção deste artigo e a quantidade de peças relacionadas ao jornalismo produzidas pelo *Porta dos Fundos*.

Conforme analisamos no vídeo intitulado *Entrevista*, o jornalista aparece como um profissional que pode intervir em falas do entrevistado e deseja obter declarações polêmicas para transformar em manchetes nos jornais. Já no vídeo *Fofoca*, mostra-se a possibilidade do jornalista possuir uma preocupação com assuntos de interesse social e encontrar dificuldades, esbarrando na linha editorial do veículo e é obrigado a se submeter a cumprir ordens superiores. Como também foi possível perceber que o jornalismo atualmente está preocupado em noticiar matérias relacionadas à vida das celebridades.

A partir de análises como estas, pode-se refletir sobre o discurso que é construído socialmente sobre o jornalismo. Percebe-se que este é estabelecido sob influência da ideologia

⁶ Disponível em: <<http://www.significados.com.br/fofoca/>>. Acesso em: 26 de agosto de 2014, às 11h25.

que o sujeito segue. Ao se entrar em contato com um ou outro discurso, o sujeito telespectador tem, na sua memória discursiva, ativado o saber que já ouviu tal assunto. Logo, as lembranças de declarações negativas acerca de um tema, certamente serão recapituladas para corroborarem na constituição do sentido do novo texto.

Por meio do estudo de produções sobre a atividade jornalística, pode-se fomentar debates sobre a maneira como o jornalismo está sendo representado, a fim de verificar a verossimilhança presente – ou não – nelas. No caso do presente objeto de estudo, observa-se representações verossímeis, como o exposto no decorrer do artigo.

Referências

ALAVARCE, Camila da Silva. A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/5dcq3/pdf/alavarce-9788579830259.pdf>>. Acesso em 25 de agosto de 2014, às 17h30.

AMARAL, Luiz. A objetividade jornalística. Porto Alegre: Sagra, 2008.

AMBRÓSIO, Milanna. GAVIRATI, Vitor. SIQUEIRA, Graciene. Cinema e Jornalismo: a representação da prática jornalística nos filmes Chicago e O Grande Milagre. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995. Disponível em: <http://www.wejconsultoria.com.br/site/wp-content/uploads/2013/04/Danilo-Angrimani-Sobrinho-Espreme-que-sai-sangue.pdf>. Acesso: 18 de agosto, às 16h54.

BASTOS, Aline. PORPINO, Gustavo. O Código Florestal e a Cobertura da Mídia: uma Análise do Discurso. In: In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, 2013, Manaus.

BERGER, Christa (Org.). Jornalismo no Cinema. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

COLAÇA, Joyce Palha. O trabalho da argumentação nos pronunciamentos de Fidel Castro sobre a deserção. Disponível em: http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/4/dlingua/Joyce_Colaca.pdf. Acesso em: 18 de agosto, às 17h25.

ERBOLATO, Mario. Técnicas de codificação em jornalismo. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

KRAETZIG, Nathale Cadaval. A Representação do Jornalista na Série Lois & Clark – As Novas Aventuras do Superman. Monografia de Conclusão do Curso de Jornalismo. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2012.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. Métodos e Técnicas em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

MOSCOVICI, Serge. On social representations. In: J.P. Forgas (org.), Social Cognition - Perspectives on Everyday understanding. London: Academic Press, 1981.

ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 3.ed. Campinas: Pontes, 2001.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2012.

POWERS, P. The methodology of discourse analysis. Boston: Jones and Bartlett publishers, 2001.

SENRA, Stella. O Último Jornalista: imagens de cinema. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

SOARES, Murilo César. Representações, Jornalismo e a Esfera Pública Democrática. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1987.